



## FEMINISMO: UMA LUTA HISTÓRICA POR DIREITOS IGUAIS E RESPEITO<sup>1</sup>

### FEMINISM: A HISTORICAL FIGHT FOR EQUAL RIGHTS AND RESPECT

Fagner Fernandes Stasiaki<sup>2</sup>  
Thais Kerber de Marco<sup>3</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa busca analisar aspectos históricos relacionados ao feminismo e a sua importância na conquista de direitos da mulher ao longo dos tempos, bem como entender a contribuição do feminismo, enquanto movimento social, em relação ao papel da mulher na sociedade. O feminismo diz respeito a transformações sociais e, não restam dúvidas que, há muito vem fazendo história no que se refere a lutas e reivindicações por direitos iguais, por quebrar paradigmas relacionados a mulher e, principalmente, relacionados ao seu papel na sociedade. As mulheres, são sujeitos de direitos, marcadas pelo patriarcado, que muito já excluiu e trouxe indiferença em sociedade, o que alavancou uma luta constante de reconhecimento social e identitário. Sendo assim, o feminismo não pode se tornar motivo para que os diferentes e também marcados de alguma forma pela dominação masculina, não lutem para

<sup>1</sup> A presente pesquisa trás uma reflexão sobre os aspectos do feminismo, a sua importância e a necessidade na busca da garantia de direitos de igualdade na sociedade.

<sup>2</sup> Fagner Fernandes Stasiaki, Acadêmico do curso de Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo, vinculado ao grupo de estudos Frida Kahlo e suas contribuições para o respeito às diferenças em um Estado Multicultural E-mail: fagnerfstasiaki@aluno.santoangelo.uri.br.

<sup>3</sup> Thais Kerber De Marco, Professora do curso de Direito na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santo Ângelo. Advogada. Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito – Mestrado, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo – RS. Vinculada a linha de Pesquisa Direito e Multiculturalismo, ao Projeto de Pesquisa Multiculturalismo, Direitos Humanos e Cidadania, e ao Grupo de Pesquisa Novos Direitos na Sociedade Globalizada, desta Pós Graduação, bem como, ao grupo de pesquisa Frida Kahlo e suas contribuições para o respeito às diferenças em um Estado Multicultural. E-mail: thaiskerber@hotmail.com.

todos/as, afinal, o feminismo é uma luta da sociedade, e não somente de mulheres.

**Palavras-chave:** Feminismo. Igualdade. Direitos.

**Abstract:** This research seeks to analyze historical aspects related to feminism and its importance in the achievement of women's rights throughout the ages, as well as to understand the contribution of feminism as a social movement in relation to the role of women in society. Feminism is about social change, and there is no doubt that it has long been making history with respect to struggles and claims for equal rights, for breaking paradigms related to women and, especially, related to their role in society. Women are subjects of rights, marked by patriarchy, which has already largely excluded and brought indifference in society, which leveraged a constant struggle for social recognition and identity. Thus, feminism cannot become a reason why the different and somehow marked by male domination do not fight for everyone, after all, feminism is a struggle of society, and not only of women.

**Keywords:** Feminism. Equality. Rights.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O feminismo busca ideais que são fundantes para a garantia de muitos direitos em sociedade, tais como, a igualdade e a liberdade. A presente pesquisa busca analisar os aspectos históricos relacionados ao feminismo e a sua importância na conquista de direitos de mulheres ao longo dos tempos. Sendo assim, questiona-se, quais são as contribuições do feminismo, enquanto movimento social, em relação ao papel da mulher na sociedade. Nesse sentido, não restam dúvidas que o feminismo há muito vem fazendo história no que se refere a lutas e reivindicações por direitos iguais e por quebrar paradigmas relacionados a mulher, principalmente relacionados ao seu papel na sociedade. As lutas das mulheres que são sujeitos de direitos, que possuem vez e voz, é uma luta marcada pelo patriarcado, que muito já excluiu e trouxe indiferença e tantas desigualdades. O feminismo não pode se tornar motivo para que os diferentes e também marcados de alguma forma pela denominação masculina, não lutem para todos, afinal, feminismo é uma luta da sociedade, e não somente de mulheres. O discurso antifeminista faz parte da dominação masculina em face das mulheres e está longe de terminar, o que reflete para o feminismo no movimento constante de resistência e contra a opressão, necessários na busca da garantia de direitos de mulheres, mesmo

se tratando de questões que há tempos vem sendo abordadas em meio a uma sociedade que não se mostra justa, igual, livre e que, ainda não respeita a mulher em seus mais distintos papéis.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

As relações humanas, na história, são repletas de complexidades, mas, necessárias, para a humanização e desenvolvimento da espécie. As lutas feministas foram de fundamental importância nas conquistas de direitos, liberdade e equidade para as mulheres e para os homens, pois, o feminismo luta por ideais de humanidade e igualdade. Para Márcia Tiburi “feminismo é uma dessas palavras amadas e odiadas com intensidades diferentes [...]” <sup>4</sup>. Diante de uma sociedade patriarcal, é comum posicionar-se diante do feminismo, pois nos ajuda a melhorar o modo como olhamos para o outro enquanto “diferentes”, bem como, garante o direito de ser quem se é. O direito de expressar-se livremente, a forma de estar e de aparecer, mas, sobretudo a de se autocompreender, pois, é exatamente ao que o feminismo nos leva. <sup>5</sup>

Na primeira onda do feminismo, há aproximadamente 200 anos antes de “feminismo” virar conceito, muitas mulheres já desafiavam os costumes de uma sociedade patriarcal, a qual deveriam se subordinar. Importante dizer que, uma das vozes mais significativas da época, na Grã-Bretanha, era a da Mary Astel, ela argumentava que, as mulheres eram tão capazes quanto os homens e acreditava que poderiam sim ter um pensamento claro e crítico. Referia que a inferioridade das mulheres advinha do controle dos homens e do acesso limitado a uma educação sólida. Lucy Mangan, em um contexto histórico nos mostra que “[...] elas eram encaradas como “o vaso mais frágil”, visão apoiada pela igreja católica e pela afirmação bíblica de que Eva foi criada da costela de Adão. Presumia-se que seu papel natural era de esposa ou mãe” <sup>6</sup>

O debate político e filosófico foi se intensificando com o passar dos anos. No começo da era da Liberdade Sueca (1718 a 1772), já se clamava por

<sup>4</sup> TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*. Editora Rosa dos tempos. Rio de Janeiro-RJ. 2018. p. 07.

<sup>5</sup> TIBURI, 2018, p. 23.

<sup>6</sup> MANGAN, Lucy. *O livro do Feminismo*. [Org.]. Globo Livros. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 20.

mais liberdade para as mulheres, também, nascia Hedvig Nordenflycht, em Estocolmo, capital da Suécia, defensora dos direitos das mulheres, acreditava que essas deveriam usar sua inteligência e reivindicar o direito de ser intelectualmente ativas. Contudo, em 1734, nesse ambiente progressista que se refletiram no Código Civil, as mulheres conquistavam o direito de propriedade e ao divórcio em casos de adultério.<sup>7</sup>

Por muito tempo, a mulher foi representada na sociedade como o “sexo frágil” e com a naturalização da subjugação feminina, foram romantizadas também a ideia de que para esses é reservado o mundo privado, de dissabores e de servidão. As mulheres sempre tiveram em posição de subalternidade, subserviência e dominação, ideia esta que, infelizmente, perdurou por séculos (aproximadamente cinco mil anos). Diante de tudo isso, é importante registrar que, em todos os períodos da história, também foram percebidos movimentos de resistência das mulheres contra a opressão masculina.<sup>8</sup>

Na Rússia, no dia 8 de março de 1917, na pré-revolução, mais de 90 mil mulheres foram às ruas e, a partir de então, tornaram-se protagonistas do que seria a dita Revolução Russa. As trabalhadoras lutavam por questões comuns à classe, mas, também apresentavam reivindicações e exigências que, antes de tudo, lhes dizem respeito enquanto mulheres, donas de casa e mães. As lutas se deram em situações extremamente precária de fome e miséria, adentrando décadas de lutas através de publicações e periódicos, participação em eventos, em manifestações, entre elas várias frentes, operárias, camponesas e revolucionárias.<sup>9</sup>

Maria Trubnikova, Nadejda Stassova e Anna Filosofova, estão entre as mulheres que se destacaram, eram de famílias aristocratas, mas pobres. Na época, formaram um trio de ativistas que lutavam por mudanças, aproveitaram suas influencias e levantaram a bandeira e fizeram lobby pela educação. Portanto, graças a essas mulheres que colocaram a cara na rua, no início do

---

<sup>7</sup> MANGAN, 2019, p. 22-23.

<sup>8</sup> MADERS, Angelita Maria, ANGELIN, Rosângela. *Os movimentos feministas e de mulheres e o combate aos conflitos de gênero no Brasil*. Prisma Jurídico 2012. p. 18. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93426128002>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

<sup>9</sup> MARTINELLI, Andréa. As mulheres que protagonizaram a Revolução Russa e se tornaram invisíveis para a História. s. p. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/12/as-mulheres-que-protagonizaram-a-revolucao-russa-e-se-tornaram-i\\_a\\_21875719/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/12/as-mulheres-que-protagonizaram-a-revolucao-russa-e-se-tornaram-i_a_21875719/).>. Acesso em 20 set. 2019.

século XX, a Rússia estava entre os primeiros países da Europa em termos de educação feminina.<sup>10</sup>

Contudo, as mesmas organizaram-se para lutar por seus direitos, mas, o primeiro deles que se destacou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, foram responsáveis por grandes manifestações em Londres, onde fizeram greves de fome e, até mesmo, sendo presas diversas vezes. O direito ao voto foi conquistado somente em 1918.

No Brasil, a primeira onda feminista foi liderada por uma bióloga, importante cientista, Bertha Lutz, que estudou no exterior e retornou para o Brasil em 1910, ano que, também, se deu início à luta das *sufrajetes*. Esse movimento, também se manifestou publicamente pelo direito ao voto. Além disso, Bertha Lutz é uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização essa que fez campanha pública pelo voto, em 1927, sendo este direito garantido as mulheres no Brasil somente em 1932.<sup>11</sup>

#### Essas mulheres inspiraram lutas de emancipação feminina

[...] nos EUA e na Europa, e na segunda metade do século XIX, uma nova onda de ativistas fariam suas vozes serem ouvidas; forças que governantes acabaram se vendo forçados a reconhecer. Enquanto essas vozes eram de modo geral da classe média, o crescimento de empresas comerciais e da burguesia aumentou a demanda por mulheres educadas da classe média-baixa e da classe trabalhadora, para que ocupassem vagas de estenógrafas, copistas e guarda livros, papéis antes executados por homens. No entanto qualquer autonomia e satisfação pessoal que esses empregos pudessem ter trazidos foram reduzidos pelos baixos salários e baixa importância social. O trabalho das mulheres ainda era visto como secundário em relação ao dos homens.<sup>12</sup>

De alguma forma, mesmo a mulher obtendo a conquista da autonomia, acabam que subordinadas em relação aos homens. Ou seja, além de sofrerem com o machismo, ainda dentro de uma cultura extremamente patriarcal, em suas diversas expressões na sociedade, são mulheres proletárias que muitas

<sup>10</sup> AIVAZONA apud EGOROV, Oleg. Feministas russas estiveram entre primeiras a lutar por direitos das mulheres. s. p. Disponível em: <<https://br.rbth.com/historia/80090-russas-primeiras-lutar-direitos-mulheres>>. Acesso em 24 set. 2019.

<sup>11</sup> PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História E Poder*. p. 16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

<sup>12</sup> MANGAN, 2019, p. 41.

dividiam e dividem a vida com homens proletários e acabam sendo vítimas do machismo estrutural no próprio contexto do proletariado.

Conforme a revolução Industrial ganhava força no fim do século XIX às mulheres passaram a rever suas posições perante a sociedade e a importância de realizar um trabalho mais produtivo. O filósofo francês Charles Fourier fez uma declaração que estava bem à frente do seu tempo, destacando que “não há homem completamente masculino, nem mulher puramente feminina”. Ou seja, refutava atributos, estereótipos atribuídos a cada gênero, defendendo a liberdade de cada um ser do jeito que é.<sup>13</sup>

Inúmeras foram às lutas para que a mulher exercesse sua cidadania, um direito simples, mas que a elas era negado. Após essa conquista histórica, a mulher ainda era controlada, sobretudo, na vida política. Para elas, foram atribuídos lugares permitidos e lugares proibidos. Também, estaria incluída em alguns discursos e excluída em outros. Isso aconteceu devido ao próprio capitalismo e as forças contrárias que se criaram ao movimento das mulheres. Dos lugares em que elas eram proibidas, certamente o mais evidente era o lugar da mulher na política, posição difícil de romper e que, também a excluía da sua posição de fala.

As ideias de gênero discutidas no patriarcado conduzem a submissão da mulher e superioridade do homem, fazendo crer que o órgão sexual determina as funções sociais, construindo a identidade social da mulher por meio de distintos papéis que são atribuídos aos homens e as mulheres, caracterizando o modelo patriarcal e o papel “doméstico” da mulher.

As relações de gênero presentes no patriarcado pressupõem que o órgão sexual determina as funções sociais. Dessa forma, a sociedade constrói uma identidade social, que é construída através dos distintos papéis que são atribuídos a homens e a mulheres.<sup>14</sup>

Essa separação de papéis voltada para homem e mulher, no entanto, não é algo natural ou biológico, mas, sim, algo que foi construído levando em consideração as necessidades socioeconômicas atreladas a cada época da sociedade. A partir dessas necessidades socioeconômicas criou-se uma cultura de relação de poder oriunda dessa construção social e, por isso, até

---

<sup>13</sup> MANGAN, 2019, p. 41.

<sup>14</sup> PAULO apud MENDES; VAZ; CARVALHO, 2014, p. 90.

mesmo “aceita” pelas mulheres, o que acaba por propiciar e manter sua dominação pelo sexo masculino, pela família, pelo Estado e pela igreja. Devido a essa separação, as mulheres representam hoje uma imensa multidão de seres que não puderam se tornar quem eram, ou quem desejavam ser, pois foram educadas para servir aos homens.<sup>15</sup>

O patriarcado é algo muito estranho para a maioria das pessoas que consideram natural essa ordem social existente, no qual considera a mulher como um elo fraco na sociedade, que afirma que está na essência feminina a submissão e dominação pelos homens, e, ainda, que o patriarcado representa uma estrutura que “organiza” a sociedade. Esse pensamento machista oprime as mulheres e os homens. Oprime os homens, porque nem sempre querem ser homens da forma que lhes foi ensinado e imposto. As mulheres, porque ficam duplamente oprimidas, a mercê da violência e recebendo imposições, enquanto que, os homens, exercem a violência e exercem o poder. Ou seja, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido, o homem, em algumas vezes, sob pena de violência e morte. Para Adichie essa cultura patriarcal e violenta está no modo como os filhos homens são criados, para serem nocivos, e refere que

[...] nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não, podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles tem que ser, como se diz na Nigéria, homens duros.<sup>16</sup>

Em pleno século XXI verifica-se que a desigualdade de gênero segue gritante no mundo todo e, no decorrer da história a temática violência sempre foi referida pelos movimentos feministas, num contexto de abertura política e transição para a democracia, os grupos feministas abordavam os mais diversos tipos de violência vivenciados em sociedade. De alguma forma sempre houve resistência a essa cultura da violência e da subalternidade. O perigo para as

<sup>15</sup> MENDES; VAZ; CARVALHO, 2014, p. 88.

<sup>16</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas. p. 31. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%2520Sejam-Todos-Feministas.pdf&sa=U&ved=0ahUKEwjv69Gkl8nhAhV4lbkGHfG5CxAQFggRMAU&client=internal-uds-cse&cx=partner-pub-4765395698236376:2447270412&usg=AOvVaw2ZeomqjDuHrpabpl-fiFJK>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

mulheres é constante e “[...] a antiga ideia de que o delinqüente era um estranho que se esconderia numa rua escura vem mudando sua face, e à luz observam-se feições bastante conhecidas, familiares [...]”.<sup>17</sup>

Nesse sentido, Riane Eisler desmistifica lendas de um passado muito antigo, trazendo em seu livro uma recente descoberta arqueológica, as quais revelaram um longo período de paz e prosperidade em que nossa evolução social alcançou um novo patamar, garantindo por milhares de anos as tecnologias básicas que, foram construídas e desenvolvidas em tempos que as sociedades viviam sem a dominância masculina, violência ou hierarquia.<sup>18</sup>

Por fim, a história das mulheres e das demais denominações de gênero se iguala a história dos negros, pois ambos lutam por igualdade e respeito. As mulheres em pleno século XXI, ainda não conseguiram a autonomia sobre o próprio corpo e a violência sobre seus corpos é predominante. Ainda, o Brasil é um dos países que mais mata LGBTQ+ no mundo. Enquanto a nossa existência ferir, precisamos ser resistência, buscando o diálogo e entender o outro enquanto ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de um feminismo para todos deve ser conduzida a pensar em uma sociedade mais humanitária, fraterna e solidária. Analisou-se que, que a luta das mulheres é histórica e marcada pela dominância masculina. Sendo assim, conclui-se que, o feminismo é para aqueles que lutam por transformações sociais, não podendo se tornar motivo para que os diferentes, e também marcados de alguma forma pelo patriarcado, não entrem nessa luta por todos e todas.

Luta essa, que se traduz pela busca de uma sociedade que seja de fato igualitária. Onde a igualdade perante homens e mulheres não esteja somente no texto constitucional e que a complexidade que envolve a temática seja compreendida com mais respeito, coerência e empatia. Que a liberdade,

<sup>17</sup> DAY, Vivan Peres. et. al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. p. 10. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

<sup>18</sup> EISLER, Riane. O Cálice e a Espada. Nosso Passado, Nosso Futuro. Editora Lia Diskin. 2008. p. 28.

hoje, ainda não alcançada pelas mulheres, uma luta de décadas, seja refletida junto com o papel social da mulher, a fim de que se possa evitar tantas submissões e desigualdades, bem como violências, em todos os sentidos, que são advindas de uma sociedade que ainda se mostra patriarcal.

Por fim, quando se fala das mulheres, se garante as lutas de todos e todas, nas mais diversas épocas. Lutas que foram marcadas por mulheres e homens dentro da tradição patriarcal, mas que, nem por isso, deixaram de ser resistência, de reivindicar, de fazer história na vida de seres humanos. De viver e fazer a diferença para muito além de seu tempo, pensando em ideais de humanidade, igualdade, respeito e liberdade, propostas essas, fundamentais para o feminismo.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%2520Sejamos-Todos-Feministas.pdf&sa=U&ved=0ahUKEwjv69Gkl8nhAhV4IbkGHfG5CxAQFggRMAU&client=internal-uds-cse&cx=partner-pub-4765395698236376:2447270412&usq=AOvVaw2ZeomqjDuHrpabpl-fiFjK>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- DAY, Vivan Peres. et. al. *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1>>. Acesso em: 08 mar. 2019.
- EISLER, Riane. *O Cálice e a Espada. Nosso Passado, Nosso Futuro*. Editora Lia Diskin. 2008.
- EGOROV, Oleg. *Feministas russas estiveram entre primeiras a lutar por direitos das mulheres*. Disponível em: <<https://br.rbth.com/historia/80090-russas-primeiras-lutar-direitos-mulheres>>. Acesso em 24 set. 2019.
- MADERS, Angelita Maria, ANGELIN, Rosângela. *Os movimentos feministas e de mulheres e o combate aos conflitos de gênero no Brasil*. Prisma Jurídico 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93426128002>>. Acesso em: 11 abr. 2019.
- MARTINELLI, Andréa. *As mulheres que protagonizaram a Revolução Russa e se tornaram invisíveis para a História*. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/12/as-mulheres-que-protagonizaram-a-revolucao-russa-e-se-tornaram-i\\_a\\_21875719/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/03/12/as-mulheres-que-protagonizaram-a-revolucao-russa-e-se-tornaram-i_a_21875719/).>. Acesso em 20 set. 2019.
- MENDES. Raiana Siqueira, et al. *O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher*. Disponível em

<<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/viewFile/25106/14464>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MANGAN, Lucy. *O livro do Feminismo*. [Org.]. Globo Livros. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História E Poder*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*. Editora Rosa dos tempos. Rio de Janeiro-RJ. 2018.